

# O Palhaço Mágico do Kung-Fu

por Maurício Ferreira

**A Hora do Rush (Rush Hour)** EUA 1998

Diretor: Brett Ratner

Elenco: Jackie Chan e Chris Tucker

A primeira vez que ouvi falar de Jackie Chan foi num papo com o projetorista do Cine Municipal de Jaú. Tava numa época que não queria nem ouvir falar em cinema de Arte. Queria porrada e diversão. Estava numa sessão de um filme qualquer do Bruce Willis. Um saco. Resolvi cair fora. Puta vontade de fumar. Necas de cigarro no bolso. O projetorista tava fora da cabine, fumando:

– Opa, posso filar um cigarro teu?

O cara sacou um maço de Derby todo amassado e me passou um. Botei o cigarro na boca e fiquei todo atrapalhado procurando isqueiro. Quando vi, o projetorista tava com um fosforo aceso. Esperto pacas. Resolvo puxar conversa:

– Que filme mais chato.

– Esse é paradão mesmo! Mas este aqui vai entrar já já e vai ser do caralho – aponta prum cartaz do *Máquina Mortífera 4*. Pergunto se ele curte Mel Gibson. Ele dá uma risada:

– Tá me achando com cara de garotinha, rapá!?! Tou falando é de Jet Lee.

Nunca tinha ouvido falar. O projetorista faz uma puta dissecação da filmografia do sujeito. Quem assistiu ao filme, sabe o quanto o china é bom de briga. Desce porrada no Mel Gibson e no Danny Glover e só se dá mal porque os ianques sacaneiam no final.

Fiquei impressionado. Ele percebeu e continuou:

– Mas melhor que Jet Lee é Jackie Chan... Porra, o cara é demais. É o palhaço do kung-fu.

Na hora que ele falou isso, bateu uma luz. Um instinto. Uma percepção de que o tal do Jackie Chan tinha algo a me dizer. Conferi as horas: 21:00. Dava tempo de passar numa locadora. Joguei fora o cigarro, me despedi do projetorista e fui prá luta. Tava afins de arrumar um filme dele rodado na China. Só encontrei *Arrebrandando em Nova York*.

Tudo bem. Let's go. Do caralho!!!

Uma festa de expressão corporal e ingenuidade premeditada. Prazer. É isso o que o cara fala. Prazer orgânico, concreto, físico. Um prazer descomprometido, descartável, fútil. Catarse e só. Esta foi a primeira impressão. Ledo engano.

Uma semana depois lá estava eu no cinema, fumando com o projetorista. Desta vez passo um Marlboro prá ele. Ele curte:

– Opa, este aqui é da marca!

Novas informações sobre o Jackie Chan: quarenta e muitos anos. Sempre faz filmes com humor e porrada. Ele me descreve cenas inteiras. Diz que grava os filmes do cara prá assistir com os filhos. A molecada sempre delira e pede prá voltar nas melhores cenas. Cada sessão familiar dura em média três horas. Isto sim é globalização: um ricaço chinês unindo uma família pobre brasileira. Fico pensando o que devo admirar mais: a ternura do meu amigo projetorista que, em dois cigarros, mostrou-me um universo que desconhecia, ou o culhão deste homem que conquistou seu lugar em Hollywood com kung-fu, inocência e prazer

de fazer cinema.

Tempos depois fui trabalhar em São Paulo. Sexta feira. Saio do trampo, compro o jornal: estreando Jackie Chan em dolby surround digital. Agencio o cinema com um bando de amigos. Delírio. Gritamos, rimos, batemos palmas. Somos os filhos do projetorista, ansiosos por rever as melhores cenas. Epifania e lágrimas. Consciência de que somos humanos e livres. Como isto se liga à Jackie Chan, não sei. E nem importa. Jackie Chan sabe o que faz. Seu cinema bebe de uma fonte quase esquecida: o *vaudeville*, o cinema mudo, os Keystone Kapers. Uma época em que filmar era correr perigo real: Harold Lloyd dependurado na torre do relógio, Lillian Gish berrando por socorro na correnteza do rio agarrada num bloco de gelo. Criatividade para criar perigos e inteligência para sair deles. Suas correrias e a ingenuidade de seu personagem (não se enganem, todos os personagens que o Chan faz são um só) são uma referência direta aos primórdios do cinema.

Outra fonte básica: Houdini. O cinema de Jackie é recheado de prisões e fugas espetaculares. Truques em cima de truques, mostrados pela câmera como, literalmente, passes de mágica. O palhaço do kung-fu. O palhaço mágico do kung-fu.

Semana que vêm o filme que vi em Sampa estréia por aqui. E se você me perguntar o que vou fazer no final de semana, eu te digo: vou assistir ao filme na cabine de projeção, com meu amigo projetorista, fumando, rindo e celebrando o que o ser humano tem de melhor, seja lá o que isto for...

